

O mundo nunca mais foi o mesmo,
desde que este gênio italiano nos ensinou a enviar
palavras através dos céus

Marconi, o mago das comunicações

LISA SERGIO

CONHECI-O em junho de 1921, numa festa da embaixada italiana em Londres. Eu estava com 16 anos; ele tinha 47 e era famoso. Era o extraordinário Guglielmo Marconi, mas sua voz transmitia tanto calor humano que logo me senti à vontade em sua presença. Começou a falar sobre meu pai e, enquanto o ouvia, eu estudava o homem sobre quem tanto já tinha lido. Era magro e de estatura média. Seu cabelo castanho começava a acusar entradas. O rosto, fino e alongado, parecia severo, mas sensível.

Por estranho que pareça, este «bruxo que fez com que as ondas falassem» se sentia muito mais à vontade com o silêncio do que com as palavras. Quando acabou de falar sobre meu pai, parecia não ter mais nada a

me dizer. Minhas tentativas de continuar a conversa só lhe provocaram respostas monossilábicas. Quando lhe disse que esperava me tornar escritora, ele exclamou: «Que bom!» Nunca me ocorreu que o veria outra vez.

No dia seguinte, porém, Marconi me pediu que o ajudasse a escrever um discurso que deveria pronunciar num clube de engenharia. Alguns dias mais tarde, entreguei-lhe o texto. Marconi gostou tanto que me pagou generosamente. Quando eu ia saindo, ele desabafou: «Espero que algum dia possa pagar-lhe por ter me tirado esse peso da mente.» Eu não podia imaginar que isso seria o começo de uma amizade que me proporcionaria uma carreira no rádio e algum tempo depois até me salvaria da prisão e (quem sabe!) da morte.



O jovem Marconi ao chegar à Inglaterra em 1896

Guglielmo Marconi nasceu em Bolonha, a 25 de abril de 1874, filho de um próspero latifundiário italiano e de uma bela irlandesa. Educado a princípio na propriedade da família, a Villa Grifone, em Pontecchio, nos arredores de Bolonha, o jovem Marconi aprendeu tudo sobre física e eletricidade nos livros que encontrou na biblioteca da mansão.

O verão de 1894, quando Guglielmo e seu irmão Alfonso estavam passando as férias nos Alpes italianos, foi decisivo, não só para a vida de Marconi como também para a história das comunicações em geral. Ele leu um artigo de Heinrich Hertz; o físico alemão que demonstrara que as energias elétrica e magnética viajam pelo espaço através das ondas, e que algumas dessas ondas conduzem

luz. Imediatamente, Marconi, então com 20 anos, começou a imaginar uma forma de essas ondas transportarem o som.

Trancando-se no laboratório de sua casa, ficando sem comer e perdendo noites de sono, Marconi começou a desenvolver sua idéia. Finalmente, após muitos testes frustrados, provou que poderia tocar uma campainha no andar térreo da casa, ao apertar um botão no laboratório (que ficava no último andar), sem a ajuda de fios. Poucos meses depois, em setembro de 1895, Marconi transmitiu um sinal em Morse, de seu laboratório até o outro lado de uma colina próxima. Nascia ali o «sem-fio».

Pouca gente na Itália via alguma utilidade nessa invenção. Afinal de contas, os fios telegráficos já esta-

vam cobrindo e ligando todas as nações da Europa e da América do Norte, através de cabos submarinos do Atlântico. Marconi ficou ofendido e desapontado quando o ministro italiano dos correios e telégrafos não demonstrou qualquer interesse pela sua invenção. Em fevereiro de 1896, acompanhado de sua mãe, Marconi partiu para Londres, onde o imenso potencial de sua invenção foi dignamente reconhecido. Ao contrário de muitos inventores, Marconi tinha uma mentalidade absolutamente prática e comercial. No fim de 1898, já tinha criado a sua Companhia Marconi de Telégrafos Sem Fios, e fazia demonstrações de seu invento num farol e num barco-farol na costa britânica.

Trabalhando sem descanso, Marconi aumentou o alcance do sem-fio para cerca de 300 quilômetros em janeiro de 1901. A marinha britânica foi a primeira no mundo a usá-lo. Então, a 12 de dezembro desse ano, o rádio teve o seu maior impulso até hoje: sob o vento fortíssimo do litoral de St. John, na Terra Nova, Marconi e dois assistentes britânicos captaram o primeiro sinal de rádio transmitido através do Atlântico, de Pol-du, na Cornualha. O pequeno sinal foi repetidamente recebido, através do éter, do Velho ao Novo Mundo, a uma distância de 2.700 quilômetros. Desde então, o mundo nunca mais foi o mesmo.

O rádio de Marconi iria se tornar o principal meio de comunicações para os governos, marinhas, firmas e indivíduos, cobrindo todo o planeta.

Em 1912, quando o navio *Titanic* bateu num *iceberg*, o papel do rádio no salvamento de vidas em alto-mar atingiu extraordinárias proporções. Notificado pelo rádio, o vapor *Carpathia* zarpou para o local, salvando 705 pessoas. Um jovem operador de rádio em Nova York, que ficou ao aparelho durante 72 horas ininterruptas, manteve o único contato entre terra e o navio. Chamava-se David Sarnoff, e iria tornar-se amigo de Marconi e de grande influência no desenvolvimento do sem-fio. Mais tarde, esse homem veio a ser presidente da R. C. A.

Através dos anos, pesquisadores e inventores em vários países aperfeiçoaram a obra de Marconi. John Ambrose Fleming e o Capitão H. J. Round, na Grã-Bretanha, Lée de Forest, nos Estados Unidos, e muitos outros conseguiram tornar possível a transmissão da voz humana. A 13 de janeiro de 1910, Enrico Caruso e outros cantaram através de um microfone no palco do Metropolitan Opera House, em Nova York; em São Francisco, Califórnia, em 1915, um engenheiro da Companhia Marconi conversou com um correspondente em Funabashi, no Japão, a 9.600 quilômetros, tendo a ligação sido feita através de Honolulu; em 1920, a KDKA, a primeira emissora comercial de rádio da América, deu início às suas transmissões, de Pittsburgh, Pensilvânia.

Marconi seguia de perto o progresso de seus colegas no campo que ele próprio inventara. Suas patentes eram continuamente postas em causa, for-

çando-o a defender seus direitos em tribunais dos dois lados do Atlântico – questões que quase sempre ganhou, não apenas por causa de sua inatacável honestidade como também porque nunca reivindicou nada que não pudesse comprovar. Era tão meticoloso que tornava públicos os nomes de antigos pesquisadores, cientistas ou inventores em cujas obras tivesse encontrado idéias, orientação ou mera inspiração.

A 20 de junho de 1922, usando um transmissor em miniatura que podia dirigir as ondas de rádio como um raio de luz, Marconi fez outra impressionante descoberta: as microondas. A sua esquisita geringonça foi a predecessora das torres de microondas que hoje infestam o interior de inúmeros países, repetindo imagens de televisão, dados de computadores e conversações telefônicas de um extremo a outro.

Desde 1903, Marconi já se convencera de que as transmissões de rádio seriam o meio mais eficiente de se trocar idéias. Embora estivesse mais interessado no rádio como um meio prático de comunicações, destinado a salvar vidas e não a servir de diversão, ele começou a fazer experiências de transmissão logo após a Primeira Guerra Mundial. Certa noite, em 1920, Marconi e a mulher deram uma festa em seu iate *Elettra*, o qual estava equipado com uma aparelhagem experimental a ser enviada para a Espanha. Ligaram o rádio e se tornaram as primeiras pessoas do mundo a dançar num navio em pleno Atlântico, ao som da música de uma or-

questra que tocava num hotel em Londres. Também ouviram a bela voz de Nellie Melba, transmitida do Covent Garden, e a retransmitiram a outras estações da Europa – uma notável façanha naquela época.

Um dia, na Grã-Bretanha, o filho de um dos engenheiros de Marconi pediu à secretária deste que o deixasse «falar ao mestre». Marconi disse que o mandasse entrar. «Só queria lhe perguntar, senhor, se consegue falar com Deus», declarou o menino. «Meu cachorro está doente. Meu pai diz que ele irá para o céu e queria pedir a Deus que o deixasse comigo mais um pouco.»

Marconi não lhe contou que o alcance do rádio não ia tão longe. Em vez disso, mandou o menino para casa, prometendo-lhe que faria o que pudesse. Então, convocou um dos melhores veterinários de Londres, que salvou o animal.

Vi Marconi várias vezes nos anos seguintes. Quando nossos caminhos se cruzaram de novo, em 1932, Mussolini já estava no poder havia dez anos. Talvez por lealdade ao Rei Vítor Manuel III, que se tornou um fantoche do governo fascista, Marconi apoiou o novo regime durante algum tempo. (Só uns poucos sabiam da sua crescente aversão a Mussolini e de seus planos de se mudar para Londres.)

No começo de 1932, por recomendação de Marconi, tornei-me a primeira comentarista de rádio da Europa e, pouco depois disso, a tradutora dos discursos de Mussolini.

No entanto, à medida que o regime do ditador italiano se tornava mais

totalitário (e que minhas próprias idéias antifascistas se tornavam mais evidentes), vi-me de repente em perigo. Em junho de 1937, fui despedida e posta sob vigilância policial. Sabendo disso, Marconi usou de sua considerável influência para me proteger e me enviar para os Estados Unidos. Seu pedido de um passaporte e visto de saída para mim não passou despercebido aos olhos da polícia secreta. Tenho certeza de que se não fosse o prestígio de Marconi eu não teria conseguido escapar. Na véspera de minha partida, marcada para 25 de junho, fui agradecer e me despedir de Marconi. Surpreendentemente loquaz, ele me descreveu o «espírito da América» e a hospitalidade do seu povo. «A verdadeira América está nas pequenas cidades. As melhores qualidades dos seus pioneiros estão nelas, e não nas capitais. Pode acreditar que a América é a esperança do mundo. Você será muito feliz lá.»

Antes de partir, não me contive e lhe disse: «A humanidade também deve muito ao senhor.» Ele respondeu calmamente: «Minha amiga, ca-

da um faz o que pode.» E então, com indisfarçável ênfase, acrescentou: «Quando eu morrer, e se alguém ainda se lembrar de mim, espero que se recordem de que eu era italiano. Tenho orgulho de ser italiano.» As lágrimas afloraram em meus olhos e, sem dizer palavra (porque não conseguia fazer com que elas saíssem), estendi-lhe a mão sobre a escrivaninha e saí.

Um mês depois, as ondas de rádio que Marconi havia dominado levaram uma mensagem a todos os países do mundo: MARCONI MORREU. Em meu quarto de hotel em Nova York, ouvi a notícia em silêncio, tendo um oceano entre mim e a Itália, onde o grande homem, a quem eu devia a minha liberdade, descansava então para sempre.

O nome de Marconi está especialmente associado à memória do povo brasileiro por ter ele, no dia 12 de outubro de 1931, acionado, de bordo de seu iate *Elettra*, fundeado na baía de Gênova, na Itália, o dispositivo de iluminação do monumento ao Cristo Redentor, inaugurado naquela data, no alto do Corcovado, no Rio de Janeiro.



OS FRANCESES que tenham curiosidade em saber quanto descontam de imposto de renda seus amigos, vizinhos ou inimigos estão agora pagando para consultar listas oficiais abertas à inspeção pública em 95 postos regionais de impostos espalhados por todo o país, e mais outros três em Paris. As listas, que foram publicadas pela primeira vez em maio de 1973, indicarão apenas a quantia de imposto pago, não a renda da pessoa. Duas restrições foram feitas: a publicação de semelhantes informações é punível com uma multa no valor da quantia de imposto divulgada, e o acesso às listas é limitado àqueles que apresentem suas próprias declarações de imposto de renda e vivam no mesmo bairro.

— *France-Soir*, Paris